

## **PASTORIL: ARTE E EDUCAÇÃO CELEBRADA NO RISO**

**MARCILIO DE SOUZA VIEIRA**

UFRN

Palavras-chave: PASTORIL ARTE/EDUCAÇÃO RISO

### **Primeira Jornada**

Muito se tem falado das danças populares, principalmente aquelas que abrangem várias regiões brasileiras como o Bumba-meu-boi, o Frevo, o Maracatu, o Coco de rodas, o Samba, o Pastoril, por exemplo, mas pouco se dá importância a essas manifestações artísticas da cultura, exceto em comemorações do dia do folclore ou eventos organizados que tratem da cultura popular. Dar importância aos saberes da tradição manifestada neste trabalho no Pastoril é uma das intenções dessa pesquisa que se observa a presença das danças populares no cenário artístico e em produções acadêmicas.

Diretamente ligada às festas para celebrar ou liberar-se da rotina, com a presença de elementos fantásticos, de cortejos ou de danças religiosas; a dança popular geralmente de criação anônima ou de domínio público designa tipos particulares das danças que foram criadas pelo povo e que se caracterizam por elementos específicos, tais como a origem de classes, a coletivização anônima, a persistência no tempo ou a tradicionalidade e a aprendizagem advindas de processos culturais. São danças que não se universalizaram, ao contrário das danças eruditas, por não haver uma estrutura formal de ensino, sendo aprendidas no processo da vida (BRANDÃO, 1983).

Podemos de certa forma, atribuir essas características as danças populares. O Pastoril, por exemplo, objeto de nosso estudo, que persiste ao tempo e a tradicionalidade como uma aprendizagem a partir dos processos da cultura, tem sua origem vinculada ao teatro religioso semi-popular ibérico, pois na Espanha e Portugal, as datas católicas se transformaram em festas eclesiais e ao mesmo tempo em festa popular. Segundo autores como Andrade (2002) e Mello e Pereira (1990), desde tempos muito antigos até o final do século XVI, são representadas peças de um ato relativas ao Natal, Reis, Páscoa, numa mistura de elementos pastorais e alegóricos, de bailados, textos e canções.

Consideramos a temática proposta para este estudo, numa compreensão fenomenológica do Pastoril, uma dança popular com gestos e dramaticidade próprios, configurados numa estética das danças medievais, com um estilo, visível nos códigos gestuais, criando uma linguagem em dança própria, que pode vir a ser celebrada no corpo através do riso e tematizada numa Educação que exalte o risível.

Com base nesse pensamento, pretendemos abordar, nesta pesquisa, o Pastoril, descrevendo aspectos cênicos e corporais que, configurada na linguagem da dança, são

utilizados de diferentes maneiras, buscando respostas nos personagens através dos gestos, da comicidade bem como possibilitando uma educação que se celebra através do riso.

Considerando que o Pastoril é uma dança popular porque nela seus participantes engajam sua vida pessoal; sua cultura e suas influências, revelando modos de ser e compreender que são interiorizados pelos brincantes a partir da vivência de seu contexto social múltiplo e de diferentes sentidos é que situamos essa dança no mundo vivido fenomenológico para ser discutida, tematizada, compreendendo as relações entre corpo e estética presentes na mesma.

O saber nessa dança reside também no corpo em sua totalidade. Dessa forma, o vivido, o experienciado e o sentido, apresentam-se para ser refletido, pensado, considerando a experiência corporal e estética como um processo de aprendizagem que se dá no corpo dos brincantes do Pastoril e em suas experiências com o mundo vivido.

Compreender a dança do Pastoril como manifestação artística com enfoque numa educação do corpo celebrada pelo riso, torna-se uma ação relevante para que possamos compreendê-la à luz da contemporaneidade.

Trazendo essa discussão para o campo acadêmico da Educação no qual a dança tem marcado sua presença ao longo dos anos, este trabalho objetiva investigar e evidenciar as referências do corpo dançante fenomenológico no Pastoril bem como identificar essas referências em alguns personagens dessa dança como o Velho, por exemplo. Essas evidências, de certa forma, já fazem parte do mundo vivido desses brincantes proporcionando direcionamentos para uma educação inscrita no corpo, educação esta celebrada pelo riso.

Pensamos que esses Pastoris fomentam uma discussão na Arte e na Educação quando tematiza o riso e possibilita reflexões sobre as danças populares na contemporaneidade. Essas danças tornam-se importantes para a formação humana em arte, na medida em que possibilita experiências dançantes e estéticas, bem como proporciona novos olhares para o mundo, envolvendo a sensibilização e conscientização de valores, atitudes e ações cotidianas na sociedade.

Assim, fomentar a educação, por meio da dança popular, não se resume em buscar sua execução em festas sazonais, tampouco oferecer a idéia de que dançar se faz dançando, numa visão de dança apenas como passatempo, muito menos centralizada na espetacularização e no aprimoramento técnico.

A busca por investigar a temática abordada levou-nos a privilegiar um método que buscasse compreender o fenômeno pesquisado numa perspectiva corporal e estética indissociadas de nossas experiências com o teatro e com a dança. A investigação é de natureza fenomenológica elucidando os elementos citados como cenário do vivido e do sensível.

Pensar o Pastoril no contexto das danças populares e da Educação é pensá-la numa manifestação da arte em que o corpo dançante é linguagem e transmite mensagens, conta

histórias expressas e comunicadas através da dança. Para tanto, o elemento corpo torna-se imprescindível nesta pesquisa. O corpo que abordamos neste trabalho é festejado, celebrado, revelado como configuração expressiva e simbólica; corpo brincante como expressão da cultura humana.

No Pastoril aprende-se a partir de processos culturais, na rua, nos encontros de cultura popular, caracterizando a informalidade do processo de aprendizagem. Nesta aprendizagem informal, os brincantes, como são denominados, compartilham saberes e histórias de seu grupo social bem como ampliam seu universo simbólico que é constantemente modificado pela polissemia da tradição, da cultura e de sua origem.

Diante dessas considerações sobre o Pastoril, percebemos que existem elementos definidores desse estilo de dança: a tradicionalidade, embora esta seja sempre renovada, a exemplo do Pastoril Profano; a referência às origens de formação social ibero - brasileira, a presença dessa dança no cotidiano de um número significativo de pessoas ou de determinada comunidade e a religiosidade encontrada no auto.

De criação anônima, as músicas ou loas como assim são chamadas no Pastoril é uma constante na apresentação dos cordões. As pastoras “[...] cantam jornadas de saudação ao público, louvação ao Messias e exaltação ao próprio Pastoril” (GURGEL, 1999, p. 105).

Faz-se necessário frisar que o caráter religioso desse auto, está cheio de teatralidade, porém são os elementos sociais profanos que vão pouco a pouco tomando importância desmesurada, que destrói a finalidade religiosa primitiva do teatro.

Ao enveredar por esses caminhos, o Auto Pastoril transforma-se em sincretismo profano-religioso, tornando-se, muitas vezes, em profano, com suas características que ressaltam a licenciosidade do Velho do Pastoril e a sensualidade das pastoras.

O Velho conhecido como Bedegueba ou como Cúria, mas que toma diversos apelidos é uma espécie de bufão, de palhaço de circo, que comanda as jornadas e se esparrama em piadas, numa atuação que ressalta o histrionismo, a improvisação. Seus diálogos com as pastoras são cheios de duplo sentido e, com o público, puxa discussão, brincadeiras, faz trejeitos e canta canções adaptadas às suas necessidades (MELLO; PEREIRA, 1990).

Figura cômica no Pastoril profano, o Velho não escolhe as palavras para declamar versos apimentados e, às vezes, até mesmo indecentes, e cantar suas canções impróprias para menores. Com seus ditos, suas piadas, suas anedotas, suas canções “obscenas”, anima o espetáculo, mexendo com as pastoras, que formam dois grupos, chamados de cordões. Também tira pilhérias com os espectadores, inclusive, recebendo dinheiro para dar os famosos "bailes" em pessoas indicadas como alvo; ele se encarrega ainda, de comandar os "leilões", ofertando rosas e cravos, que recebiam

lances cada vez maiores, em benefícios das pastoras, que tinham seus afeitos e torcedores (MELLO; PEREIRA, 1990).

Ao evidenciarmos o Pastoril por ser uma dança de origem ibérica e trazer em sua gênese estrutura dramática, cênica e mesmo simbólica que ainda permanece em algumas regiões nordestina, evidenciamos seus brincantes que “[...] dançam para não esquecer quem são, dançam em busca da beleza, dançam para embelezar, criam cultura e assim atribuem sentidos à vida” (NÓBREGA, 2000, p. 58).

Enfim, quando dançam esses brincantes de Pastoril expressam e comunicam várias singularidades desse corpo dançante: expressam suas singularidades e as singularidades da cultura, inscritas no corpo e transformadas em movimento, que, de algum modo, querem ser universais (NÓBREGA, 2000).

### **Orquestradores da dança**

ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil**. 2 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

GURGEL, Deífilo. **Espaço e tempo do folclore potiguar**. Prefeitura municipal do Natal. FUNCART: Secretaria do 4º Centenário, 1999.

MELLO, Luiz Gonzaga de; PEREIRA, Alba Regina Mendonça. **O pastoril profano de Pernambuco**. Recife: FUNDAJ/ Editora Massangana, 1990.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Dançar para não esquecermos quem somos: por uma estética da dança popular. In: **Educação Motora**. II Congresso Latino Americano de Educação Motora e III Congresso Brasileiro de Educação Motora, Natal, p. 54-59, out./nov. 2000.